



Uma Nova Abordagem da Relação Homem-Técnica para Além das Antigas Dualidades Natureza-Cultura e Natureza-Artifício¹

Júlio Afonso Sá de Pinho Neto²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a tecnologia a partir de teorias que recusam as concepções deterministas a respeito da técnica, questionando as concepções essencialistas a respeito da diferença entre natureza e cultura, homem e artifício. A técnica muitas vezes é concebida de forma unilateral: ora é vista como ameaçadora e perigosa ao homem, ora é aceita como uma dádiva capaz de assegurar o que séculos de luta política não conseguiram realizar.

Palavras-chave: novas tecnologias, democracia, complexidade.

Introdução

Nossa contemporaneidade é marcadamente simbolizada pelo progresso tecnológico. Em toda parte ouvimos o chavão de que vivemos na época da “revolução informática”. Mais uma vez o recurso utilizado é o do discurso tecnocrático que tenta nos manipular atribuindo qualidades redentoras à tecnologia, como se ela, por ela mesma, fosse capaz de resolver os graves problemas da humanidade.

Tantos e tão surpreendentes são os avanços na área informática que muitos intelectuais vêm-se às voltas com novos estudos e pesquisas para lidar com as transformações, mudanças, impactos – enfim, com a nova sociedade fruto da fantástica revolução tecnológica que presenciamos neste início de século.

A tecnologia é capaz de empreender revoluções e mudar nossas vidas? Não somos mais senhores desse processo? Como criadores não conseguimos mais controlar nossas criaturas? Os objetos e artefatos técnicos fugiram ao nosso controle e nos relegaram a uma sociedade frankstein, ao mundo administrado pelo Grande Irmão? Somos reféns da grande Matrix?

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Especialização em Assessoria de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: sadepinho@uol.com.br



Infelizmente, o equívoco teórico está justamente na contemplação de um futuro apocalíptico, resultado da expansão e desenvolvimento de uma tecnologia ameaçadora ou – inversamente – na celebração de um amanhã alvissareiro, incensado e festejado pelas maravilhas das surpreendentes inovações e conquistas tecnológicas.

A reflexão a respeito da técnica torna-se, assim, profundamente necessária para que evitemos tais raciocínios simplistas que ora demonizam ou celebram as inovações tecnológicas.

Outra concepção igualmente de cariz determinista é imaginar ser possível inocentar a tecnologia a partir do uso que dela fazemos – aqui, a forma como usamos a tecnologia poderia resultar em nossa própria escravização ou libertação e descoberta de soluções alternativas para os grandes problemas da humanidade.

Muitas vezes a tecnologia é inocentada através de teorias que reduzem sua problemática na mera questão do *uso*; outros já a vêem de forma míope – acreditando que os objetos tecnológicos podem representar uma grande reviravolta no que diz respeito à política, economia, sociabilidade e demais outros aspectos das sociedades.

Enfim, há que se evitar as perspectivas teóricas baseadas em prerrogativas deterministas, pois estas inviabilizam a distância e o estranhamento necessários para a reflexão e a crítica.

A complexidade no cenário tecnológico

Félix Guattari, ao propor um novo conceito de subjetividade, esclarece-nos que esta é composta de elementos materiais e imateriais os mais diversos, devendo ser compreendida sob uma perspectiva “polifônica”, não mais restrita a mecanismos psicológicos. Segundo esse autor, a cidade, os objetos, os afetos, o corpo, os componentes da informática, da linguagem, os artefatos, bem como toda a materialidade que nos cerca, figuram como elementos constitutivos de nossa subjetividade³. “A cidade nos interpela”, nos reconfigura, nos afeta, e com ela todos os objetos que estão presentes em nosso cotidiano.

Somos também afetados pela tecnologia que se encontra à nossa volta. Uma relação recíproca se estabelece; à medida que sofremos a ação da tecnologia com a qual interagimos, também a transformamos, através da interpretação que dela fazemos, com

³ GUATTARI, 1992, p.11.



os usos que privilegiamos, com a maneira como desenvolvemos nossos projetos tecnológicos, com os desvios que somos capazes de realizar. Essa interação contínua não deixa espaço para limites ou essências próprias do humano e da técnica, da natureza ou da cultura. Essas trocas indicam uma interdependência que nega a existência de domínios puros e estanques.

Sendo assim, não podemos concordar com visões simplistas que entendem determinadas características da técnica como fruto e resultado direto de certas demandas sociais provenientes de fatores econômicos, sociais, políticos, ideológicos etc. Estar de acordo com tais premissas é admitir, mais uma vez, a supremacia do homem sobre a técnica como se esta fosse neutra, puro reflexo inerte e imediato do agir humano sobre o mundo. Ainda que a técnica sofra influências tais especificidades sociais, nunca será a mera tradução delas, mas antes depende de complexos agenciamentos.

Por outro lado, também as novas configurações sociais não são produto simples e direto de transformações tecnológicas, uma vez que muitos outros fatores se interpõem no curso do processo de desenvolvimento social. A sociedade não determina a tecnologia da mesma forma que esta última também não determina a vida social.

Concordamos, por isso, com tais correntes de pensamento que apostam numa complexa “interação dialética”,⁴ concebendo a técnica como parte integrante de um processo amplo, complexo e circular, onde homem e artefatos técnicos interagem continuamente, não havendo como se chegar às essências do humano ou da técnica. Uma superposição aí se estabelece, *ser* e máquina se complementam sucessivamente.

Devemos, ainda, rejeitar a visão da técnica como mero instrumento. Interpretá-la como neutra, é inocentá-la de toda crítica, tornando-a imune a qualquer julgamento ou análise sobre suas possíveis combinações, implicações e conseqüências para os diversos aspectos da vida humana.

É inútil acreditar na supressão do “ser”, do “sentido”, do “real” a partir da difusão das novas tecnologias⁵. É superficial acreditar numa ameaça tecnológica, num implacável futuro dominado pelas máquinas, onde o homem se tornaria mero apêndice da técnica, sendo por ela gerido.

⁴ CASTELLS, 2003a, p. 43.

⁵ Alguns autores, equivocadamente, nos alertam dos perigos e ameaças que a tecnologia contemporânea nos reserva, seja diante do perigo iminente de suplantar o real pelo virtual, seja pela contínua supressão do intervalo, do tempo necessário para a reflexão e para a crítica. Jean Baudrillard e Paul Virilio podem ser citados como exemplo dessa aposta teórica.



Gilbert Simondon⁶, pensando de forma diversa, defende a idéia de uma complementação entre homem e técnica, revelando a existência de uma associação de elementos que se estruturam reciprocamente. Os objetos técnicos são operadores de trocas, de contágios, potencializadores de complexidade; encontram-se intermediando diversos domínios. Nada permanece ou é encontrado em forma substancial, em estado de pura essência.

Para Simondon, nossa cultura desconsidera a interconexão complexa existente entre homem/máquina. Esta interdependência foi excluída pela nossa cultura que relegou os objetos técnicos ao papel de meros instrumentos a serviço do homem no seu afã de subjugar a natureza, ou, de forma inversa, como entidades autônomas e ameaçadoras, situadas num patamar de exterioridade em relação ao homem. Para ele os produtos da tecnologia não podem ser vistos como ameaçadores, capazes de conquistarem autonomia, chegando até mesmo a dominar a humanidade. Esta concepção da técnica exclui a os processos de reciprocidade existentes entre os domínios humano e tecnológico, excluindo as relações responsáveis pelas trocas, pelas intermediações que alteram e reordenam sem cessar a natureza e a cultura, a sociedade e o artifício.

A relação do homem/máquina constitui-se a partir das interdependências geradas nesse relacionamento complexo e complementar; tal pressuposto admite a possibilidade do homem investir em determinadas transformações sociais, mentais, ambientais, econômicas, psicológicas, dentre outras. Tais intervenções irão implicar em outros usos da tecnologia, bem como privilegiar diferentes direcionamentos e prioridades dos projetos tecnológicos. Como refluxo o homem e a sociedade serão produtos também do desenvolvimento tecnológico. Da mesma forma que é legítimo afirmar que a materialidade à nossa volta nos define, configura nossa subjetividade, a forma como vemos e interpretamos o mundo e a maneira como fazemos cultura, também é igualmente verdadeiro frisar que nós redefinimos o universo material que nos cerca. Um processo longe do modelo “causa e efeito”, antes circular que linear.

As mudanças, para que se efetivem, requerem ações inovadoras tanto no domínio do social, do subjetivo, do ambiental, do cultural como do tecnológico. Trata-se da possibilidade de ver a técnica como cúmplice de certas metas e objetivos traçados

⁶ SIMONDON, 1969.



em outros domínios, através de ações mobilizadas por desejos que contrariam os códigos, padrões, modelos e referências hegemônicas.

Dentro dessa perspectiva, é possível compor com a técnica, interagir com ela para outros fins, numa postura diferenciada do seu aproveitamento com objetivos meramente comerciais ou aliados à mera lógica da acumulação do capital. Contudo, é preciso ir além da concepção da técnica como neutra (instrumentos e artefatos a serviço do homem) ou como perigosa e ameaçadora, para concebê-la como parte de um sistema complexo, elaborado num interagir incessante entre humanidade e artifício. Essa interação implicará em deslocamentos constantes do homem em face da natureza, da sociedade, da política, da cultura, dos objetos, capazes de ampliar ou reduzir as potencialidades da vida humana, inclusive a partir do seu intercâmbio com a técnica.

Bruno Latour⁷ nos esclarece que somos definidos, através das mediações que tecemos, das trocas que produzimos, das conjunções que compomos entre objetos, cultura, natureza, técnica, sociedade.

A própria técnica está repleta de sujeitos e também é fruto de bricolagens entre a natureza, o subjetivo, o social, o cultural e o político. Para ele, é impossível definir o humano através de uma essência e sim, através do incessante processo de mediação que nos caracteriza. Latour define o humano como um “permutador ou recombinação de morfismos”.⁸

Essa leitura prevê que todo um universo “sociotécnico” está a nos envolver; estamos inseridos num processo que opera uma mistura incessante de gêneros. Toda a vida ocorre no meio, tudo transita, *tudo acontece através de mediações*, traduções, bricolagens, interfaces. É através dessas trocas que somos *definidos*, e se assim o é, não podemos pertencer a nenhuma essência ou substância pura, antes somos o resultado de hibridizações e agenciamentos.

As ciências e as técnicas multiplicam os não-humanos e os quase-objetos envolvidos nesse coletivo reticular no qual estamos imersos. As categorias, os domínios homogêneos, os gêneros puros são construções do projeto moderno que, através da separação entre natureza e cultura, tentou expurgar toda a mescla, toda mistura, na tentativa de construir instâncias classificatórias “objetivas”, sistemas estáveis e universais.

⁷ LATOUR, 1994.

⁸ LATOUR, 1994, p.135.



Latour propõe existir uma hibridização entre economia, ciência, religião, técnica, direito e política. Seu pensamento expõe que é justamente nas trocas entre heterogêneos é que somos “definidos”, constantemente recompostos, reinterpretados. As grandes “verdades universais”, os modelos, os universos homogêneos, os paradigmas, nasceram da tentativa dos modernos de construir uma “imanência”. No projeto moderno, a ciência tinha como objetivo purificar, dividir, categorizar todos os elementos para que fosse possível contemplar os “fundamentos” – a tão decantada *razão imutável*, verdadeira e organizadora de todas as coisas. Está revelada, aqui, toda a pretensão do humanismo de colocar o homem como centro do universo, entregando-lhe a tarefa de subjugar a natureza, de administrá-la; a razão devia ensinar-nos a renegar mitos, crenças, superstições para alcançar a objetividade proveniente da crítica e da análise verdadeira dos fenômenos.

Latour nega a existência de uma ameaça tecnológica oriunda do desenvolvimento tecnológico sem precedentes, apartado e exterior ao homem, que colocaria em risco o próprio gênero humano. Pensando de forma inversa, podemos admitir que os objetos técnicos estão carregados de humanidade; os homens utilizam-se deles, por exemplo, para completar seu corpo – fabrica as próteses –, e através delas vê a si mesmo e ao mundo ao seu redor⁹. Por elas é levado a redescobrir a natureza, a conhecer suas realidades mais profundas; em seguida, repassa aos novos projetos tecnológicos todo o resultado desse conjunto de interações, projetando e construindo os novos maquinários, que em retorno voltarão a afetar-lhe de muitas e variadas formas – um ciclo ininterrupto de trocas se estabelece em volta desse “agenciador de diversidades”, termo encontrado por Bruno Latour para definir o homem.

Tudo se dá desta forma num híbrido. Não existem objetos técnicos puros, pois estes envolvem em suas operações um grande número de humanos e não-humanos, bem como todo um conjunto de coisas, de instituições, de grupos políticos, de ordenações econômicas, de crenças ideológicas, artefatos, máquinas etc. Não há também o “puramente” humano, capaz de ser pilhado pela técnica, fazendo cair por terra os cenários ameaçadores que a tecnologia seria capaz de compor.

O que encontramos são misturas, compostos de vivo e de não-vivo, artificial e natural. A técnica, hoje, é capaz de intervir, através da biologia molecular, na molécula do ser vivo e alterar seu programa genético. A *memória da espécie humana* é passível

⁹ Pierre Lèvy nos fala que até mesmo a própria linguagem é uma tecnologia da inteligência humana.



de ser alterada por intermédio da técnica. Esse código genético carrega consigo toda a experiência humana que se dá também através do contato com os objetos, com a natureza, com a cultura. Em que lugar encontra-se, então, a essência da vida, da espécie? Onde se situa, assim, o domínio essencialmente humano, apartado de toda técnica, que nos caracterizaria. Como pensar numa natureza imutável, linear, quando imaginamos que o buraco na camada de ozônio é fruto da nossa cultura e da tecnologia dela decorrente?

Seguindo esse mesmo raciocínio, Ilya Prigogine e Isabelle Stengers¹⁰ desenvolvem uma nova concepção de ciência que abriga as evoluções, as crises, as instabilidades, acenando pra o fim da concepção mecanicista do mundo. Uma ciência não mais vista como exterior à cultura que submeteria o mundo a um esquema teórico universal – fundamento de um “mundo da quantidade, da geometria deificada, no qual há lugar para tudo menos para o homem”¹¹ – mas uma ciência capaz de compreender e desenvolver os esquemas complexos.

A natureza não é linear, como pretendia a ciência concebida no projeto moderno. É rica em instabilidades, desordens, proliferação, migrações. Uma “nova aliança” deve ser firmada entre os homens (com suas sociedades, seus saberes, suas técnicas) e a natureza. Uma natureza, agora vista como processual e cambiante, onde é possível compreender um mundo aberto, “caótico”, processual e dinâmico. Chegou a hora de iniciarmos uma “escuta poética da natureza”.

Assistimos, em nossos tempos, a uma verdadeira *revanche de Protágoras*¹². A tão conclamada “verdade científica” cada vez menos é capaz de elucidar e resolver as novas questões suscitadas pela tecnologia e pela ciência. Acabamos por descobrir um mundo desprovido daquela estabilidade imutável da ciência clássica, onde nada é capaz de nos assegurar qualquer tipo de fundamentação perene, qualquer forma de certeza estável e imutável.

As novas concepções da ciência denunciam os esquemas propostos pelos pensamentos totalizantes no empenho de tentar submeter o homem e a natureza a um funcionamento linear. Temos, hoje, por exemplo, a questão da ciência frente ao acaso. Lidar com o acaso e não negá-lo é, atualmente, parte da lógica da ciência. As prerrogativas da ciência clássica não conseguem mais responder às questões hodiernas.

¹⁰ PRIGOGINE e STENGERS, 1991.

¹¹ Idem, p. 25.

¹² O termo expressa uma época repleta de relativismos em oposição às concepções lineares e cartesianas da natureza.



A natureza é vista como imponderável e não como algo linear. A ilusão determinista não mais se sustenta em uma época onde a abordagem da física quântica¹³ passou a adotar uma leitura probabilística da natureza. Prever a evolução total dos sistemas foi descoberto impossível. O princípio de incerteza da mecânica quântica não conduz a uma total imprecisão ou ao caos, antes introduz inexatidões onde a ciência clássica seria imprecisa justamente por desejar tudo prever e determinar com exatidão, excluindo as múltiplas imperfeições – probabilidades de interferências e transformações diversas – presentes em todos os processos.

A antinomia entre acaso e ordem é profundamente reativa. O pensamento era visto como um organizador da natureza e totalmente apartado dela. No entanto, a riqueza do conhecimento não se encontra em querer “ordenar” a natureza através de uma dura racionalidade linear, mas superar essa visão cartesiana, afeita somente a um universo de essências, para apostar numa desordem que organiza, que suscita uma nova ordem a partir das misturas, das bricolagens e desvios. O caos, não nos esqueçamos, também é ordenador, produzindo novas ordens a partir das instabilidades.

As antigas certezas cederam lugar ao devir, ao processo, onde o porvir é produto de circunstâncias diversas. O futuro nos chega como um conjunto de possíveis, sem nenhum modelo ou estatuto que estabeleça garantias ou pré-determinações. Antes descobrimos aberturas a múltiplos futuros possíveis, às experimentações, aos agenciamentos criadores e produtivos.

As teorias da complexidade (Mandelbrot, Prigogine, Varela, Heisenberg, dentre outros), nos convocam a assumir o horizonte caótico e indeterminado da nossa existência - abraçar os riscos inerentes à aventura humana. Incerteza, indeterminação, contingência, complexidade, autonomia, afastam a ciência da tradição cartesiana, perspectiva que durante muito tempo direcionou o conhecimento para visões universais, lineares e irreversíveis.

O buraco de ozônio, o aquecimento global do planeta, a clonagem, a terapia genética, os alimentos transgênicos, os *biochips* e a profusão de próteses as mais variadas possíveis – com largo uso na medicina atualmente – tornam extremamente perceptível a marca indelével da hibridização dos domínios da natureza e cultura.

A troca, a permuta, os agenciamentos, os processos “autopoieticos”¹⁴, são capazes, hoje, de revelar outra concepção a respeito da vida; esta concebida como

¹³ Na física quântica os objetos não possuem grandezas ou valores exatos, mas probabilísticos; antes aceita a variação, as instabilidades, os sistemas complexos. Aposta nas aproximações; não trabalha com invariabilidades e linearidades, algo típico da concepção mecanicista da física.

¹⁴ O conceito de autopoiese, formulado pelo cientista Humberto Maturana. Este observou que o sistema vivo e o meio onde vive se modificam reciprocamente. O meio produz mudanças na estrutura dos sistemas, que por sua vez agem sobre ele, alterando-o, numa relação circular. Ver MATURANA, 2004.



composta e constantemente rearticulada por um conjunto de não-vivos – de objetos técnicos.

Sendo assim, a sociedade possui um significativo percentual técnico e material em sua própria constituição, como ocorre também com a nossa própria subjetividade que é resultante de elementos pertencentes à natureza, técnica, afetos, crenças, ideologias, artefatos.

A humanidade não é o centro valorativo de todo o universo, apenas representa uma espécie intermediadora por excelência. Não supera e subjuga a natureza, mas *compõe com ela*, permuta os domínios, estabelece canais, compõe, agencia. Já o antigo atributo humano de “domínio e controle da natureza” é um pressuposto de raiz iluminista que, imbuído da ideologia do progresso, concebia o homem sob uma perspectiva antropocêntrica, totalmente distinto e senhor da natureza, devendo exauri-la e apoderar-se dela.

A partir do exposto acima, chegamos a uma questão paradoxal. Percebemos que o homem não é o emissor das proposições diretoras da vida e do universo; contudo, quem ou o quê lhe concederia essa legitimidade de afirmar tal pressuposto? O que lhe daria credibilidade, já que é ele próprio quem profere tal sentença? Para possuir foro de verdade tal sentença não deveria ser proferida por não-humanos? Ora, essa é uma falsa questão, pois ela mesma parece querer novamente restituir ao homem sua posição de domínio sobre todo o universo.

Contudo, se admitirmos que o que em nós pensa (o sujeito de nosso pensamento) é um coletivo; podemos inferir que a concepção do homem como parte integrante do cosmo é o resultado de um conjunto de inter-relações entre inúmeros domínios. Tudo isso decorre de nossa intermediação e trocas com uma rede de elementos heterogêneos: a coletividade de objetos, natureza, máquinas, homem, cultura e sociedade. Guattari propõe uma “enunciação coletiva”, fruto de “agenciamentos coletivos de enunciação”, onde o “coletivo” não diz respeito somente aos grupos sociais, mas “implica também a entrada de diversas coleções de objetos técnicos, de fluxos materiais e energéticos, de entidades incorporais, de identidades matemáticas, estéticas etc”.¹⁵

Tudo ao nosso redor é eloquente, tudo nos interpela, tudo desenvolve, cria e compõe em nós o pensamento. Não pensamos sozinhos. Os outros seres, as coisas e os

¹⁵ GUATTARI & ROLNIK, 1993, p. 319.



artefatos estão presentes em nossos juízos e hoje, de forma bastante expressiva, reivindicam, mais do que nunca, seu lugar num universo repleto de complexidades. O pensamento humano é o resultado da linguagem, da etnia, dos métodos técnicos utilizados por determinada sociedade, da natureza e de toda uma infinidade de elementos. Um sistema cognitivo formado por atores múltiplos e diferenciados, concebido como fora do alcance de uma vontade individual.

Seres e coisas se afetam continuamente, sem lugar para essências. O mundo visível, o que conhecemos por natureza, não se situa num recanto expurgado de emoções e idéias, mas antes interfere no mundo subjetivo, sendo também por ele influenciado.

Nesse conjunto coletivo de intermediações e trocas é impossível estabelecer limites monolíticos entre homem e artifício. O que seria puramente humano ou essencialmente artificial e técnico? Uma cadeia de inter-relacionamentos aí se estabelece sem lugar para causa e efeito, formada por sucessivas trocas, fluxos e refluxos constantes – elos de uma corrente circular e contínua.

Conclusão

O fantasma da homogeneização, da supressão do “real”, do “sentido” e do “humano” pela técnica, não tem mais lugar se imaginamos o homem dentro de uma ótica complexa, bem distante das lógicas lineares. O pensamento da afirmação desfaz as correlações estreitas dos modelos baseados em princípios de causa e efeito.

A teoria dos sistemas¹⁶ nos descortina um universo em constante correlação entre suas partes, um grande sistema que não vive isolado pois suas partes estão interrelacionadas em evidente contextualização, algo conceitualmente bem distante dos paradigmas cartesiano e positivista no seu afã de departamentalizar a natureza e a vida humana. Temos o declínio da crença no mito da exatidão e das certezas matemáticas.

O caos é gerador de diversidade na medida em que ele explode e vai criando novas ordens, mundos novos, associações e trocas inusitadas. É dinâmico, processual, não se deixa aprisionar. A subjetividade humana, assim como a natureza, também não é linear; é por demais complexa e processual, não se deixando aprisionar pela jaula de ferro dos científicisms; pelo contrário, deve ser entendida na sua dimensão de criatividade processual. E as tecnologias não se situam fora da subjetividade humana.

¹⁶ Teoria desenvolvida pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann a partir da década de 60. Sua vasta obra incorpora influências das ciências exatas e também da biologia. Desta última adaptou conceitos como *autonomia* e *autopoiésis*, dos biólogos chilenos Maturana e Varela.



As novas tecnologias, a informática, e com ela a Internet, são parte integrante dos ‘equipamentos coletivos de subjetivação’. Tudo que é humano é ao mesmo tempo técnico, psíquico, econômico, histórico. Daí a importância de avançarmos para além dos antagonismos redutores entre natureza e cultura, artificial e humano. O homem, a natureza e a técnica possuem um caráter transversal, são híbridos, repletos de injunções heterogêneas, bifurcações e inter-relações entre si. Não é possível ainda permanecer nos recortes dualistas e antagonicos entre artificial e humano ou natural e cultural.

O interagir humano com a técnica, que não diz respeito somente ao uso, mas a questões políticas, sociais, econômicas, dentre outras, é capaz de iniciar um processo de interação mútua que resulte em outras possibilidades de desenvolvimento da técnica. Discordamos da idéia de uma tecnologia perversa de *per se*. Este raciocínio não se sustenta quando rejeitamos as premissas totalizadoras, fundamentadas a partir de modelos e “essências”. As essencialidades nada mais são que criações da razão científica que tinha por tarefa dividir, dualizar, antagonizar-se, “purificar”, sectionar os domínios. Se uma tecnologia atua de forma contrária ao desenvolvimento das potencialidades humanas é porque o homem, ao interpretar e reverberar esse pensamento das essências, não crê nessa hibridização existente entre todos os domínios.

Ao dividir, ao estabelecer clivagens que especializam e segmentam o humano e o técnico, o homem acaba por erigir a idéia da técnica como ameaçadora, incontrolável, enigmática. E de fato ela passa a sê-lo, uma vez que todos passam a interpretá-la e concebê-la dessa forma. Exclui-se, assim, a técnica do debate político; esquece-se da necessidade de contar com práticas e ações que contemplem novas formas de projetar, utilizar, desviar, democratizar a técnica. Não conseguimos, desta forma, perceber a importância de viabilizarmos e apoiarmos as iniciativas capazes de abrir a tecnologia a novos possíveis.

Existirão sempre possibilidades de agir no sentido de aproveitar brechas, de desviar, de reverter o objetivo de determinado aparelho técnico, mesmo que tal tecnologia já tenha sido pensada e elaborada com finalidades espúrias.

Rejeitamos, aqui, a tese da necessidade de uma outra técnica que substituiria a tecnologia hoje existente, dotando-lhe de finalidades “humanizantes” – o tão propalado refreamento e controle humano da técnica. Percebemos que não existem mundos lineares, nem possibilidade de estabelecermos formas de controle radicalmente homogeneizantes. Contudo, faz-se necessário que surjam iniciativas que contrariem os mais variados mecanismos de dominação. Essas mobilizações tornam-se necessárias,



pois viabilizam a instauração de outras cartografias no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico que atualmente conta com um desenvolvimento vertiginoso, valendo-se da velocidade para escapar das reflexões possíveis.

Guattari condena a rejeição das inovações tecnológicas advogando que estas não podem ser submetidas a um juízo de valor, pois “tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação”.¹⁷ Destarte, é possível apostar na criação de novas experimentações técnicas, sociais, econômicas, políticas etc, que, por sua vez serão capazes de mudar a vida, estabelecendo novas concepções para todos os domínios da vida humana. Há, contudo, a necessidade de inventar outras formas de viver que inaugurem o novo e, ao mesmo tempo, também refutem a perpetuação das velhas estruturas que teimam em recusar a mudança.

As alternativas quanto ao futuro das novas tecnologias não podem prescindir da esfera política; Castells nos adverte que existe um grande hiato entre “nosso superdesenvolvimento tecnológico e nosso subdesenvolvimento institucional e social”.¹⁸ Ao invés de continuarmos temendo os “monstros tecnológicos”, como faz a humanidade há séculos, seria hora de nos mobilizarmos contra a crise da política e a crescente deserção dos atores sociais encarregados de administrarem o desenvolvimento e a aplicabilidade das novas tecnologias.

É preciso lembrar, contudo, que as transformações tecnológicas passam pelas mudanças políticas que por sua vez não se encontram restritas nos muros dos parlamentos, mas estão inseridas em uma série de atividades chamadas de *micropolíticas* por Guattari. A micropolítica¹⁹ diz respeito à forma como entendemos a subjetividade, como concebemos a técnica, como valoramos os objetos, diz respeito às nossas condutas e comportamentos individuais, aos sistemas de valores que adotamos, ou seja, está ligada desde as mais simples ações até às grandes mobilizações coletivas. Diz respeito principalmente ao fato se concebemos a vida de forma holística ou linear, se acreditamos nas diferentes e múltiplas conexões que ligam todos os domínios ou se investimos em ações estanques, próprias e típicas de um pensamento calcado nas objetividades da ciência e dos pressupostos iluministas. Tais crenças são responsáveis pelas diferentes formas de determinismos, que tanto impedem as verdadeiras transformações.

¹⁷ GUATTARI, 1992, p. 16.

¹⁸ CASTELLS, Manuel. 2003b, p. 229.

¹⁹ GUATTARI & ROLNIK, 1993, p. 127.



Referências Bibliográficas:

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003a.

_____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1992.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. *Micropólitica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1994.

LÈVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1993.

MATURANA, Humberto. *El árbol Del conocimiento*. Madrid: Lumén, 2004.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: UNB, 1991.

RUELLE, David. *Acaso e caos*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.

